

Dia do Engenheiro Agrônomo

Nélson Bertolini

No último dia 12 de outubro, data em que o engenheiro agrônomo é homenageado - coincidindo auspiciosamente com o feriado nacional do Dia da Padroeira do Brasil, e com a perspectiva da realização da semana do Engenheiro Agrônomo pelo maior manancial de agrônomos do País - a nossa gloriosa Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq) - é oportuno lembrar que dezenas, ou centenas de esalqueanos se destacaram na vida profissional, como empresários, pesquisadores, eminentes ministros ou secretários de Estado, decanos mestres e doutores acadêmicos, enfim, em todos os segmentos das atividades, nos quais a agricultura é o eixo mestre a impulsionar o desenvolvimento e o progresso. Detemo-nos, aqui a lembrar a vida de um ex-esalqueano, formado em 1936, que fez muito pela agricultura, pela ciência e pela tecnologia do Brasil.

Se comemos hoje um arroz mais saboroso, se temos no país a cultura da noz moscada, ou se apreciamos boa salada de palmito pupunha, encontramos em tudo isso, ao longo de mais de meio século passado, o trabalho do pesquisador Emílio Bruno Germek, agrônomo formado na Esalq em 1936. Estes são apenas três exemplos das mais de cem pesquisas desenvolvidas pelo diligente pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), onde Germek alcançou a posição máxima permitida a um pesquisador. Emílio Bruno Germek tem muito a ver com nossa alimentação.

Iniciou-se profissional-

mente no mesmo ano da formatura, na Seção de Genética, com pesquisas de melhoramento genético de milho, sorgo, trigo, centeio e arroz, esta última como único melhorista responsável, até junho de 1958.

Além de seu estudo maravilhoso com germoplasma de arroz - ele estabeleceu o maior banco de germoplasma do Estado, na fazenda Santa

Eliza, do IAC, garantindo ao Brasil ter as principais espécies econômicas mundiais aqui adaptadas - cujo trabalho de melhoramento se reflete até os dias de hoje, com mais de uma dezena de novas cultivares - de valor econômico incalculável -, ainda atuou na domesticação e aclimação de

plantas agrícolas, dentre as quais destacamos seu trabalho pioneiro com o Kiwi, Pupunha, Calabura, entre tantas outras espécies que passaram pelas suas mãos de melhorista. Foi, ainda, o responsável por introduzir o material genético para que a Copersucar, o Planalsucar e o IAC fizessem as novas variedades que o Brasil utiliza na produção do etanol.

Pela sua atuação com quarentena de plantas, participou de eventos marcantes da agricultura brasileira, como na introdução do germoplasma de café que acabou por salvar esta cultura. Disponibilizou germoplasma resistente à ferrugem do café, apoiando o grupo do saudoso Dr. Alcides Carvalho, bem como apoiou o Cenargen-Embrapa, como consultor, no

início daquela instituição.

Realizava as hibridações em Campinas, e as experimentações com arroz irrigado em Pindamonhangaba e arroz de sequeiro em Pindorama. Executava pesquisas, também, em outras unidades como: Piracicaba, Capão Bonito, Franca, e Mococa. Pesquisas nas quais comumente criava sua própria metodologia.

Ele participou da equipe que conseguiu a regulamentação da profissão do Engenheiro Agrônomo junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia e a criação da carreira de Pesquisador Científico no estado de São Paulo.

Foi ele também que registrou a marca IAC - Instituto Agrônomo de Campinas - para identificar as variedades originárias daquela instituição centenária brasileira.

Seu currículo enriquecido ao longo dos 45 anos de efetivo exercício no IAC é extremamente invejável, com incontáveis participações em eventos científicos e técnicos, contribuições em associações, uma série famosa de publicações no suplemento agrícola do Estado de São Paulo, além de uma centena de boletins técnicos e artigos científicos.

Ao longo de sua carreira, assumiu a Chefia da Seção de Cereais e Leguminosas e a Chefia da Seção de Introdução de Plantas Cultivadas, na qual se aposentou em 1981.

De acordo com sua filosofia de "O importante é realizar o que está escrito e ensinar o que sabe aos prosseguidores e não apenas pegar o que já estava pronto", Emílio Germek deixou mais de uma centena de estudos e publicações registrando os seus feitos, para as gerações vindouras, ainda hoje muito procuradas.

Na classificação moderna, ele era um "workaholic" (trabalhador compulsivo), tamanho seu empenho e estar sempre fazendo alguma coisa necessária ou útil. Não despendia tempo em futilidades. Há muito o que narrar sobre este pesquisador.

Das memórias da vida acadêmica, seu colega - o último vivo, dos 28 da turma de 1936, Fernando Penteado Cardoso - presidente da Agrolida, lembra que "por ocasião das comemorações de nossa formatura, em novembro de 1936, ele foi indicado para plantar a árvore-símbolo da turma, um Pau Mulato, como registra uma foto, dele ao meu lado, eu como orador".

A neta Rita Isabel, a que mais conviveu com o avô, define-o como "uma enciclopédia, lia tudo, os grandes jornais de São Paulo - O Estado e a Folha - diariamente. Conversava sobre tudo, artes, política, internacionais. Lia revistas. Um de seus princípios era: "dieta é a pior coisa do mundo. Todos podem comer de tudo, moderadamente".

Este cientista faleceu em 31 de janeiro de 2009, aos 95 anos, a quem muito se deve pelo desenvolvimento da alimentação atual no país.

Nélson Bertolini é jornalista.

“
O importante é realizar o que está escrito e ensinar o que sabe aos prosseguidores e não apenas pegar o que já estava pronto”